

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E
HISTÓRIA NACIONAL

GIOVANA CASAGRANDE

RELAÇÕES DE PODER EM *VIDAS SECAS*

CURITIBA

2016

GIOVANA CASAGRANDE

RELAÇÕES DE PODER EM *VIDAS SECAS*

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de “Especialista”.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edna Polese

CURITIBA

2016

GIOVANA CASAGRANDE

RELAÇÕES DE PODER EM VIDAS SECAS

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Curitiba, 6 de dezembro de 2016.

Profa. Dra. Edna da Silva Polese - UTFPR
Orientadora

Profa. Dra. Maurini de Souza – UTFPR
Avaliadora

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima – UTFPR
Avaliador

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

RESUMO

CASAGRANDE, Giovana. *Relações de poder em Vidas secas*. 2016. 24 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

Este trabalho apresenta uma análise das relações de poder encontradas entre os personagens da obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, embasando-se em teorias sobre o poder de Michel Foucault e em como a linguagem representa poder. Essas relações se estabelecem basicamente entre as figuras que representam o governo e o núcleo familiar encabeçado pela figura de Fabiano: Fabiano x soldado amarelo; Fabiano x patrão. É feita uma análise do microcosmo do núcleo de Fabiano e de como o poder, representado por pessoas que fazem parte daquele contexto, os atinge. Também é levado em conta o fato de que o quase total “mudismo” de Fabiano fortalece essa circunstância, deixando-o sempre na situação de vítima.

Palavras-chave: Relações de poder. Poder em literatura. *Vidas secas*. Foucault.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 O PODER E AS INSTITUIÇÕES SUPERIORES (O GOVERNO, O FISCAL E O SOLDADO AMARELO)	8
3 O PODER DO PATRÃO E A FORÇA DO DISCURSO	12
4 O PODER DENTRO DO MICROCOSMO FAMILIAR	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

Crê-se atingir a essência mesma da literatura, interrogando-a não mais ao nível do que ela diz, mas na sua forma significante: fazendo-o, permanece-se no estatuto clássico da linguagem. Na Idade Moderna, a literatura é o que compensa (e não o que confirma) o funcionamento significativo da linguagem. (FOUCAULT, 2000, p. 60)

O poder se expressa fortemente em todas as relações sociais. O desejo de possuir e até mesmo de dominar estabelece relações de poder entre os indivíduos, que se colocam uns sobre os outros e, conforme essas conexões acontecem, aumentam as distâncias existentes entre si.

O objetivo deste trabalho é, tendo base nas reflexões sobre algumas relações de poder estudadas por Michael Foucault ¹ e em artigos feitos acerca delas, analisar as relações de poder entre o protagonista do livro *Vidas secas*, Fabiano, representantes de instituições superiores à família dele, sejam elas o patrão, o governo (representado pelo soldado amarelo), o fiscal, e no microcosmo familiar, ou seja, entre os próprios representantes da família que protagoniza a obra. Além dessas ligações, é analisada também a importância exercida pela força do discurso, valendo-se de que linguagem também é representativa de poder, corroborando ainda mais essas relações.

Na primeira parte do trabalho, analisam-se as relações de poder entre Fabiano e as instituições superiores (o governo, o fiscal e o soldado amarelo), na segunda, entre ele e o patrão, trabalhando também a força do discurso (fato do qual o patrão se aproveita) e, na última, internamente entre os representantes da família. Essa análise pretende demonstrar, utilizando-se da força do discurso como ferramenta para obter poder, o distanciamento que existe entre o sertanejo e as instituições e também o estranhamento entre as pessoas da família por conta da ausência de poder em um e do excesso no outro. Como analisou Fernando Danner², para Foucault não existe “o poder”, o que existe são relações de poder, isto é, “formas

¹ Paul-Michel Foucault é de nacionalidade francesa, nasceu na cidade de Poitiers, em 15 de outubro de 1926, e faleceu em 26 de junho de 1984, aos 54 anos de idade, vítima de complicações de Aids. Foi considerado um filósofo contemporâneo dos mais polêmicos, filólogo, teórico social e crítico literário. Suas teorias trabalham a relação entre poder e conhecimento. Foucault, rejeitando muitos dos rótulos que recebeu, se autodenominava como crítico da modernidade.

² O doutorando Fernando Danner analisou o poder em Foucault em artigo intitulado *A genealogia do poder em Michel Foucault* para a IV Mostra de Pesquisa de pós-graduação PUCRS.

dísparos, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente”.

Danner assim discorreu acerca dos estudos de Foucault (2009, p. 787),

o poder não é uma coisa, uma propriedade que pertence a alguém ou alguma classe; não existe, de um lado, aqueles que detêm o poder (dominantes) e, de outro, aqueles que a ele estão submetidos (dominados). Na realidade, ‘o Poder’ não existe. Existe, sim, práticas ou relações de poder. Logo, o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona em rede e que, portanto, deve ser entendido antes como uma tática, manobra ou estratégia do que uma coisa, um objeto ou bem.

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo, e sim porque provém de todos os lugares”³. Uma relação de poder se forma no momento em que alguém deseja algo que depende da vontade de outro. Esse desejo estabelece relação de dependência de indivíduos ou grupos em relação a outros indivíduos ou grupos. Quanto maior a dependência dos primeiros em relação aos segundos, maior o poder destes em relação àqueles. Essa dependência aumenta à medida que um grupo passa a ter mais controle sobre o que é desejado pelo outro.

Ao se analisar a etimologia da palavra “poder”, vê-se que ela remete ao latim vulgar *potere*, substituído no latim clássico *posse*, que é a contração de *potis esse*, “ser capaz”; “autoridade”. Entende-se, assim, que a palavra “poder” sempre se refere à uma ação relacionada a força, persuasão, controle etc.

De acordo com o dicionário *Aurélio*⁴, o substantivo “poder” apresenta 14 acepções, entre elas: deliberar, agir, mandar, relacionadas à faculdade, possibilidade, vigor, potência, domínio, influência, força, capacidade e aptidão, entre outros exemplos.

No dicionário de política⁵, a definição da palavra “poder” é associada à palavra “autoridade” e colocada como equivalente a esta “para expressar a ideia de um princípio de unidade social, elemento de direção imprescindível em qualquer sociedade, graças ao qual a ordem é estabelecida e preservada”. Ainda nessa esfera,

³ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976, p. 89.

⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

⁵ SOUSA, J. P. G. de; GARCIA, C. L.; CARVALHO, J. F. T. de. *Dicionário de Política*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.

“o poder evoca a ideia de força, capacidade de governar e de se fazer obedecer, império” (SOUZA, GARCIA e CARVALHO, 1998, p. 417).

O abuso de poder permeia pelo enredo do romance *Vidas secas*. O poder se manifesta em praticamente todas as relações que se estabelecem ao longo do livro, quer seja nos núcleos mais fortes, quer seja nos mais fracos. O que se pode atestar é que a figura mais forte está constantemente subjugando a mais fraca, desde o governo até os menores, como se vê na escala hierárquica de poder da família (ainda que em escala mais branda) de Fabiano: sinhá Vitória sobre o marido e este em relação aos meninos, que, por sua vez, tentam exercer algum poder sobre a cachorra Baleia. Essa apropriação e comprovação de grandeza perante e sobre o outro remete ao conteúdo trabalhado na obra *Pedagogia do oprimido*⁶, de Paulo Freire⁷. “Isto implica que as próprias lutas contra o seu funcionamento (do poder) não possam ser feitas de fora, do exterior, pois nada nem ninguém está livre de poder; ele está, como vimos, em toda parte e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E, como afirma Foucault, onde há poder há resistência” (DANNER, 2009, p. 789).

A dificuldade comunicativa muitas vezes explica os episódios de abuso de poder, pois o abusado, a vítima, não consegue compreender e nem tampouco se defender do excesso, que é encarado com ignorância, sem ciência do que ocorre. Essa falta de embasamento comunicativo faz de Fabiano um homem cheio de medos e receios, pois a ele faltava o poder que o comunicar representa. O contrário também é válido: o poder de ter de se comunicar, por sua vez, também representa um medo. A respeito do medo que o comunicar representa, Foucault (1970, p. 6-7) descreve:

existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de terrível, talvez de maléfico. A essa aspiração tão comum, a instituição responde de modo irônico, pois que torna os começos solenes, cerca-os de um círculo de atenção e silêncio, e lhes impõe formas ritualizadas, como para sinalizá-los à distância.

⁶ Um dos mais conhecidos trabalhos de Paulo Freire, este livro trabalha a relação dialética entre opressores e oprimidos e como é necessário haver uma prática que oriente ação visando à superação dessas contradições.

⁷ Paulo Freire foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial.

2 O PODER E AS INSTITUIÇÕES SUPERIORES (O GOVERNO, O FISCAL, O SOLDADO AMARELO)

Durante a vida, Fabiano tem muita dificuldade de se relacionar com as instituições que estão acima de sua família, quer sejam patrões, quer seja o governo, o soldado amarelo (Estado) ou o fiscal: todos são as representações do poder).

Uma das maneiras de o Estado, cuja personificação na obra dá-se por meio do soldado amarelo, exercer seu arbítrio é fazer a prisão do personagem. O soldado representa o poder armado, que, trajando uma farda, cresce de tamanho, importância e força quanto ao sertanejo. Frente à tamanha prepotência, o vaqueiro demonstra simultaneamente a incapacidade de compreender a razão dos fatos (“coisas que sabia que existiam, mas não conseguia explicar, afinal, nunca vira uma escola”) e a inconformidade sintetizada na aspiração ao cangaço (a vontade de entrar para um bando de cangaceiros e fazer “estrágos” nos homens que mandavam no soldado amarelo). Trata-se de relações de poder que constituem um sistema de poder, com base em instituições que mantêm uma ligação social e política entre si tendo o Estado como alicerce.

A representatividade de poder é tão forte, que é assim analisada por Foucault:

Uma única e mesma “fórmula” de poder é assim aplicada a todas as formas de sociedades e a todos os níveis de assujeitamento. Ora, fazendo do poder uma instância do não, se é conduzido a uma dupla “subjetivação”: do lado onde ele se exerce, o poder é concebido como uma espécie de grande sujeito absoluto – real, imaginário ou puramente jurídico, pouco importa – que articula a interdição: a soberania do pai, do monarca, da vontade geral. Do lado onde o poder é submetido, tende-se igualmente a “subjetivá-lo”, determinando o ponto onde se faz a aceitação da interdição, o ponto onde se diz “sim” ou “não” ao poder. [...]

Fabiano não conseguia entender. Não lhe fora ensinado o pensar, o raciocinar, o concluir. Ficara limitado a baixar a cabeça e aceitar as normas impostas pelas autoridades como bem quisessem e entendessem. Sempre na situação de vítima.

De modo geral, a falta de instrução permite que pessoas sejam enganadas. Também a ignorância e a comunicação falha, entre outros, são fatores que contribuem para que autoridades abusem e penalizem injustamente, casos nítidos em *Vidas*

secas. Como se defender, argumentar, se não há conhecimento mínimo sobre direitos e mesmo deveres?

Segundo Ferreirinha e Raitz⁸ (2010, p. 371),

pode-se entender [...] por poder uma ação sobre ações. Foucault discorre que as relações de poder postas, seja pelas instituições, escolas, prisões, quartéis, foram marcadas pela disciplina: “mas a disciplina traz consigo uma maneira específica de punir, que é apenas um modelo reduzido do tribunal” (Foucault, 2008:149). É pela disciplina que as relações de poder se tornam mais facilmente observáveis, pois é por meio da disciplina que estabelecem as relações: opressor-oprimido, mandante-mandatário, persuasivo-persuadido, e tantas quantas forem as relações que exprimam comando e comandados.

No capítulo intitulado “Cadeia”, o soldado amarelo lança um desafio a Fabiano e, por saber que não haveria recusa, aproveita-se para ganhar dele uns trocados. Essa atitude, partindo de uma autoridade, é extremamente abusiva, pois as condições de Fabiano eram precárias, ele não apresentava meios sobre os quais pudesse ser explorado, vivia muito próximo à miséria.

Na simplicidade de entendimento do personagem, não existia a possibilidade de o governo (“este ‘ser’ afastado, mas muito importante”, como ele julgava) compactuar com as arbitrariedades do soldado, ou mesmo admiti-lo como seu representante. O soldado, representando o mandonismo e a força do Estado e abusando do poder, age de maneira oportunista e corrupta quando prende Fabiano injusta e desonestamente.

Outro empurrão desequilibrou-o. Voltou-se e viu ali perto o soldado amarelo que o desafiava, a cara enferrujada, uma ruga na testa. [...]
 – Vossemecê não tem direito de provocar os que estão quietos.
 – Desafasta, bradou o polícia.
 E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a bodega sem se despedir.
 – Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar os seus possuídos no jogo?
 Engasgou-se. A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reiúna em cima da alpergata do vaqueiro.
 – Isso não se faz moço, protestou Fabiano. [...]

⁸ Isabella Maria Nunes Ferreirinha e Tânia Regina Raitz, ambas respectivamente mestranda do Programa Acadêmico de Mestrado em Educação pela Univali (Itajaí – SC) e doutora em educação pela UFRGS (RS), em seu artigo *As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas*, aceito em 2010 na *Revista de Administração Pública* da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientizou-se e xingou a mãe dele. Aí amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá. [...]

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. (RAMOS, 2001, p. 29-30).

Politicamente, o papel da instituição governo deveria ser o de prestar auxílio, respaldo, enfim, proporcionar condições dignas de vida. No entanto, o protagonista não sabia disso. “Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia (RAMOS, 2001, p. 27).

Corrobora-se, assim, seu total desconhecimento de possuidor de direitos como cidadão que, conseqüentemente, acaba por fazer o papel de mero cumpridor de ordens: “E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar” (RAMOS, 2001, p. 33).

Para Alfredo Bosi⁹ (2002, p. 28), “*Vidas secas* abre ao leitor o universo mental esgarçado e pobre de um homem, uma mulher, seus filhos e uma cachorra tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar: o dono, o soldado amarelo...”

Existe uma distância muito grande entre o sertanejo, retratado por Fabiano, com enorme dificuldade de falar e argumentar, e as pequenas instituições sociais representantes do governo. Ele se diminuía, considerava-se um bicho, inferior aos outros homens, além de se vitimar, desconfiando de tudo e todos:

Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. [...] Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas tropeçando. (RAMOS, 2001, p. 76).

⁹ Alfredo Bosi é professor emérito da Universidade de São Paulo, crítico e historiador da literatura brasileira, membro da Academia Brasileira de Letras desde 2003. Obra *História Concisa da Literatura Brasileira*.

Um bom exemplo é o dia em que, para suprir suas necessidades, ele vai à cidade tentar vender um porco e surge um fiscal da prefeitura para lhe cobrar o imposto sobre a mercadoria. Como Fabiano desconhecia o que era imposto (devido à sua falta de instrução) ficou indignado, “não compreendia nada, era bruto”. Sofreu um desconto em sua venda, convencido de que a prefeitura tinha uma parte naquilo e estava acabado, concluindo, em sua simplicidade de raciocínio, que não criaria mais porcos, pois criar porcos era perigoso. Por não compreender nada, protagonizava sempre o papel de sofrente, de explorado.

Foucault estudou o poder para identificar os sujeitos atuando sobre os outros sujeitos, como vemos nitidamente na obra. Ele não criou uma teoria de poder, mas afirmou a existência de uma tríade (poder, direito e verdade) que forma um triângulo de relações bastante complexas entre seus integrantes, que podem ser chamadas de relação de forças. É exatamente isto que temos em *Vidas secas*: os sujeitos mais poderosos atuando sobre os que têm menos poder. Os que detêm um mínimo resquício de poder (como é o caso do soldado amarelo) dominam os menores e mais fracos, indefesos como Fabiano e sua humilde família.

Sobre o triângulo, Ferreirinha e Raitz (2010, p. 370) afirmam:

No que se refere ao poder, direito e verdade, sob a análise de Foucault, existe um triângulo em que cada item mencionado (poder, direito e verdade) se encontra nos seus vértices. Nesse triângulo, o filósofo vem demonstrar o poder como direito, pelas formas que a sociedade se coloca e se movimenta, ou seja, se há o rei, há também os súditos, se há leis que operam, há também os que a determinam e os que devem obediência. O poder como verdade vem se instituir, ora pelos discursos a que lhe é obrigada a produzir, ora pelos movimentos dos quais se tornam vitimados pela própria organização que a acomete e, por vezes, sem a devida consciência e reflexão.

Observando a análise sobre o triângulo proposto por Foucault, podem-se identificar, na obra, os representantes dos três vértices dessa figura (que são poder, direito e verdade): os detentores do dinheiro (o patrão), aqueles que realmente mandam, o governo (representado pelo soldado amarelo) e a ponta mais fraca, com Fabiano, que representa a verdade. Segundo as autoras citadas, Foucault estudou o poder não para criar uma teoria de poder, mas para identificar os sujeitos atuando sobre os outros sujeitos.

Ainda de acordo com essa mesma análise, percebe-se que é pela disciplina que as relações de poder se tornam mais facilmente observáveis, pois é por meio dela que se estabelecem as relações, tão visíveis na história: opressor-oprimido, mandante-mandatário, persuasivo-persuadido e tantas quantas forem as relações que exprimam comando e comandados.

3 O PODER DO PATRÃO E A FORÇA DO DISCURSO

A quase ausência de diálogo e de comunicação verbal em *Vidas secas* é vista como uma tentativa de reproduzir as mais espontâneas reações humanas diante da realidade, formada pelo sofrimento psicológico, a carência material e a gratuidade do poder que levam à existência admirável de uma família de retirantes.

A relação de Fabiano com o patrão ilustra o confronto entre o trabalhador e um representante do poder econômico, que o escraviza, o oprime e o faz mover-se em busca de mudança, ainda que timidamente.

O capítulo intitulado “Contas” ilustra o quanto o protagonista é explorado pelo fazendeiro. Ele se sente lesado, envergonhado por não ter conhecimento, noções básicas e informação para se defender do abuso que sofre do proprietário da fazenda. Forja planos mental e timidamente, sabendo que a execução destes é tarefa praticamente impossível. Ao menor sinal de ousadia de que pudesse dar indícios, no instante seguinte ele recua, chegando até mesmo a se desculpar por ter feito planos “contra” as instituições.

Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. [...] Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra. (RAMOS, 2001, p. 93).

O patrão descontava com frieza muito mais dinheiro que seria devido dos pagamentos, o que Fabiano até percebia, mas não podia provar. “Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!” (RAMOS, 2001, p. 93).

Além disso, o patrão decidia a vida e a permanência de Fabiano em suas terras e, aproveitando-se da total incapacidade dele de se defender e argumentar, negociava seu destino com muita exploração:

Se pudesse economizar durante alguns meses, levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolice, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roídas as espigas de milho, recorria à gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes. Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. Aceitava o cobre e ouvia conselhos. Era bom pensar no futuro, criar juízo. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchando. De repente estourava:

– Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava enalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia. (RAMOS, 2001, p. 92).

Restava a ele se conformar e aceitar aquela situação, da qual não conseguia se desvencilhar. Sabia que estava sendo roubado, no entanto, sua impotência não lhe permitia reclamar seus direitos:

Sentou-se numa calçada, tirou do bolso o dinheiro, examinou-o, procurando adivinhar quanto lhe tinham furtado. Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza. (RAMOS, 2001, p. 94).

A covardia e a insegurança perante o patrão têm origem na dificuldade comunicativa que imperava na vida de Fabiano, pois era praticamente impossível desenvolver relações honestas (ou mesmo de qualquer tipo) sem saber se expressar, o que o colocava sempre em situação de vítima. O poder do patrão sobre o empregado residia no domínio daquele sobre este por conseguir ludibriá-lo e enganá-lo justamente porque Fabiano não conseguia entender o que recebia (nem o que não recebia), assim como o salário e a falta de garantias com que essas trocas se davam. Além disso, Fabiano demonstrava um profundo respeito e temor pelos poderosos. Enganá-lo era simples, pois sua capacidade comunicativa era muito limitada, praticamente nula. Assim como a linguagem e o domínio sobre ela traduzem poder, o contrário também é verdadeiro. Por mais que aparentemente o discurso seja pouco

importante, as interdições que o atingem logo e depressa revelam sua ligação com o desejo e com o poder.

Ao tratar sobre a linguagem real, que representa a prática da comunicação, Foucault, na obra *As palavras e as coisas* (p. 47), discorre que “ela [a comunicação] é uma coisa opaca, misteriosa, cerrada sobre si mesma, massa fragmentada e ponto por ponto enigmática, [...] que se mistura às coisas do mundo para formar e desempenhar o papel de conteúdo (ou de signo)”. Eis aqui, para o filósofo, a consistência da comunicação em si: a mistura daquilo que é representativo com a realidade, resultando no que conhecemos como a comunicação (que vai muito além de apenas palavras ditas, compreende mais, é mais ampla). Mais que isso, para ele,

no seu ser bruto e histórico do século XVI, a linguagem não é um sistema arbitrário; está depositada no mundo e dele faz parte porque, ao mesmo tempo, as próprias coisas escondem e manifestam seu enigma como uma linguagem e porque as palavras se propõem aos homens como coisas a decifrar. (FOUCAULT, p. 47).

O jogo de poder entre o patrão e o empregado tinha disto: era um eterno decifrar, não só de palavras, mas também de ações, com aquele que, por ter mais domínio sobre elas, estava sempre em vantagem.

Além disso, Foucault, em *A ordem do discurso* (1996, p. 9), também questiona o que pode haver de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente. Como resposta, supõe que em toda sociedade a produção do discurso é controlada por alguns procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.

Para o filósofo, o discurso apresenta ligação com o desejo e o poder, o que não lhe causa espanto algum, pois o discurso em si também é objeto de desejo, e não simplesmente o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. Ora, o que o patrão

prática com Fabiano nada mais é que abuso de poder corroborado pela força que o domínio do discurso garante a ele. Em contrapartida, essa incapacidade em Fabiano é exatamente o que o coloca em situação de vítima das circunstâncias desfavoráveis a ele.

A partir do momento em que o homem tem consciência de que a sociedade constrói todo um discurso ao qual ele é moldado, este pode passar a ter voz ativa sobre suas ações. Fabiano não consegue alcançar este ponto em toda sua jornada, pois não encontra domínio sobre suas ações, não pertence a essa esfera, logo, não integra verdadeiramente a sociedade. Integrar a sociedade implica em interagir, em ter voz ativa e participar, com ideias, com ações. Comunicação e sociedade são ideias intimamente conectadas.

Ainda com relação aos estudos de Foucault (1996, p. 43-44),

é preciso reconhecer grandes planos no que poderíamos denominar a apropriação social dos discursos. A educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo o indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.

A estes personagens do romance de Graciliano não foram dadas condições de usufruir do direito à educação, eles nem sequer sabiam como isso funcionava, nem o que significa educação, instruções. Simplesmente seguiam a vida, abandonados à própria sorte. Sendo assim, o poder se perpetuava nas mãos dos mesmos e de seus sucessores, assim como a ausência dele se perpetuava nas gerações dos sertanejos, que apenas seguiam a vida sem consciência, por não terem tido acesso ao conhecimento. Essa “maneira política de manter a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”, à qual Foucault se refere, isola as pessoas e as conserva como reféns da própria sorte, condenadas a uma vida sem conhecimento, sem crescimento, sem poder algum.

A esse mesmo respeito,

Trata-se de determinar as condições de seu funcionamento [dos discursos], de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras, e assim não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outros parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (FOUCAULT, 1996, p. 36-37).

O discurso é representativo de poder: intencionalmente, do ponto de vista dos poderosos, não é desejável que qualquer pessoa tenha acesso a ele. Aqueles que têm o poder do discurso normalmente não se interessam em disseminá-lo aos dominados, para que estes permaneçam obedecendo, não compreendendo o que está sendo dito e assim, concordar e obedecer sempre.

Saber é poder; conhecimento é poder. “Saber consiste em referir a linguagem à linguagem. O que é próprio do saber não é nem ver nem demonstrar, mas interpretar” (FOUCAULT, p. 55). Para interpretar é preciso treino, conhecimento prévio, entrosamento com a linguagem. A linguagem tem em si mesma seu princípio interior de proliferação. “Há mais a fazer interpretando as interpretações que interpretando as coisas; e mais livros sobre os livros que sobre qualquer outro assunto; nós não fazemos mais que nos entreglosar¹⁰”.

No ponto de encontro entre a representação e o ser, lá onde se entrecruzam natureza e natureza humana — nesse lugar onde hoje cremos reconhecer a existência primeira, irrecusável e enigmática do homem — o que o pensamento clássico faz surgir é o poder do discurso. Isto é, da linguagem na medida em que ela representa — a linguagem que nomeia, que recorta, que combina, que articula e desarticula as coisas, tornando-as visíveis na transparência das palavras. Nesse papel, a linguagem transforma a sequência das percepções em quadro e, em retorno, recorta o contínuo dos seres em caracteres. Lá onde há discurso, as representações se expõem e se justapõem; as coisas se reúnem e se articulam. (FOUCAULT, 2000, p. 427).

Aos personagens da obra não é concedido o dom de falar, mas percebe-se neles o dom de pensar, refletir. Ora, para se fazer reflexões e poder formular ideias no subconsciente, é necessário conhecimento dos signos linguísticos. Charles

¹⁰ Montaigne. *Essais*, liv. III, cap. XIII.

Sanders Peirce, citado por Culler, afirma que um signo é: “qualquer coisa que determine outra (seu interpretante) a referir-se a um objeto ao qual ele mesmo se refere (seu objeto) do mesmo modo, o interpretante tornando-se por sua vez um signo, e assim por diante...”. A esse respeito e, principalmente ao que diz respeito à fala, o teórico literário Jonathan Culler¹¹ formulou a ideia de que ouvir e entender a fala, enquanto se fala, são a mesma coisa. Isso poderia se estender, então, aos pensamentos (ouvir e entender meus pensamentos são a mesma coisa).

Na fala, eu pareço ter acesso direto aos meus próprios pensamentos. Os significantes não me separam do meu pensamento, mas se apagam diante dele. Nem parecem os significantes artifícios externos, tomados do mundo e posto em uso. Eles surgem espontaneamente de dentro e são transparentes ao pensamento. (CULLER, 1997, p. 124).

Álvaro Lins¹², autor do posfácio da obra *Valores e misérias de Vidas Secas*, considera que tecnicamente esse é um dos únicos dois defeitos¹³ consideráveis do livro: “o excesso de introspecção em personagens tão primários e rústicos, estando quase toda a novela constituída de monólogos interiores”. (RAMOS, 2001, p. 152). Considere-se aqui que a novidade narrativa do autor quanto à forma, a narrativa feita em terceira pessoa, cria essa necessidade de introspecção aos personagens, para que o leitor tenha consciência deles. No entanto, é certamente pouco verossímil a fluência de consciência e o nível reflexivo a que chegam, valendo-se do pouco vocabulário que dominavam.

Quanto ao poder e o discurso, Foucault (1977, p. 254) considera que

o poder não é nem fonte nem origem do discurso. O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder. [...] O poder não é o sentido do discurso. O discurso é uma série de elementos que operam no interior do mecanismo geral do poder. Consequentemente, é preciso considerar o discurso como uma série de acontecimentos, como acontecimentos políticos, através dos quais o poder é vinculado e orientado.

¹¹ Jonathan Culler, norte-americano nascido em 1944, é um importante teórico literário contemporâneo.

¹² Álvaro Lins (1912-1970) foi advogado, jornalista, professor e crítico literário.

¹³ O outro defeito, na opinião do teórico, é que “a novela, tendo sido construída em quadros, os seus capítulos, assim independentes, não se articulam formalmente com bastante firmeza e segurança”. (RAMOS, 2001, p.152)

4 O PODER DENTRO DO MICROCOSMO FAMILIAR

No microcosmo da família de Fabiano também se observam relações de poder. Foucault via essas relações como reversíveis. Para ele, não há relações completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável. Embora falasse excessivamente sobre o poder, Foucault não desconsiderava que havia também resistência. E, por haver a possibilidade de resistência real, o poder do dominador sempre tenta se manter com mais força, quanto maior for a resistência. Por mais que a família de Fabiano não tivesse força para manifestar essa resistência, ela se manifestava nos momentos de fluxo de consciência interna externados pelo narrador, ou seja, ela existia, mesmo que não fosse colocada para fora.

[...] há todo um método, toda uma série de procedimentos pelos quais se exerce o poder do pai sobre seus filhos, toda uma série de procedimentos pelos quais, em uma família, vemos se enlaçarem relações de poder, dos pais sobre os filhos, mas também dos filhos sobre os pais, do homem sobre a mulher, e também da mulher sobre o homem, sobre os filhos. [...] é preciso dizer também que não se podem conceber essas relações de poder como uma espécie de dominação brutal. [...] As relações de poder são relações de força, enfrentamentos, portanto, sempre reversíveis. Não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável. (FOUCAULT, 2011, p. 232).

Na obra *Foucault: estratégia poder-saber*, organizada por Manoel Barros da Motta, atesta-se que o filósofo estudava o poder no dia a dia, apresentando essa relação de forma diferente, “nas relações entre os sexos, nas famílias, entre os doentes mentais e as pessoas sensatas, entre os doentes e os médicos, enfim, em tudo isso há uma inflação de poder” (2011, p. 233). Por assim conduzir e direcionar seus estudos, Foucault concluiu que esse aumento da existência do poder não tem origem única, que ele não provém das autoridades, do Estado, mas sim das pessoas, do cotidiano. Mesmo sem saber por que e com que direito, ele existe e se manifesta.

A personagem que consegue se comunicar melhor, se expressar e compreender um pouco as palavras, sinhá Vitória, a única que tinha aspirações na família, destaca-se dos demais, pois consegue pensar com mais clareza. Ela é praticamente o oposto do marido, que apresentava certa dificuldade de compreender o que ela dizia, achando-a por vezes “extravagante”, e que nutria grande admiração

pela esposa, considerando-a mais inteligente que ele. Aqui se observa o poder da linguagem: ainda que limitada, sinhá Vitória era a única que talvez conseguisse articular as ideias e transformá-las em palavras. Por mais simples e reduzida que fosse a linguagem de sinhá Vitória, comparada ao “mudismo” dos outros membros da família, era infinitamente superior, o que lhe garantia imenso poder perante eles. Não entender muito bem o que a esposa dizia despertava admiração e curiosidade em Fabiano: para ele, tratava-se de “uma pessoa de muito juízo”. Por essas qualidades e características que a diferiam, sinhá Vitória é a pessoa de maior poder dentro da família.

Sinhá Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando. [...] Um bicho de penas matar o gado! Provavelmente sinhá Vitória não estava regulando. [...] Mas sinhá Vitória largava tiradas embaraçosas. Agora Fabiano percebia o que ela queria dizer. Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de sinhá Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. Tinha ideias, sim senhor, tinha muita coisa no miolo. Nas situações difíceis encontrava saída. Então! Descobrir que as arribações matavam o gado! E matavam. (RAMOS, 2001, p. 108-109).

Claramente é uma esfera menor de poder sendo exercido pelos mais fracos, nos quais também se pode ver uma nítida hierarquia do mais forte destacando-se sobre os demais, sempre os dominando. Os menores nessa esfera eram os filhos: a eles não fora dado nem mesmo nome, eram despersonalizados, sem importância dentro daquela esfera. A ausência de nome representa mais uma vez a força das palavras – são mais fracos até mesmo que a personagem Baleia, a cachorra (que era humanizada, tinha nome, pensamentos e até mesmo referência a alma), reforçando o quanto as palavras e as nomenclaturas têm representatividade nessa obra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a obra *Vidas secas* tendo como base o trabalho de Foucault foi um exercício muito interessante. Foi possível aplicar e ver maneiras como o poder se manifesta nas mais variadas formas, tanto as mais fortes como as sutis, no cotidiano das pessoas comuns. Isso não significa que o estudo sobre o filósofo foi de apenas absorver seus pensamentos e valores tão bem observados, nem os encarar como verdades absolutas, mas sim analisá-los e aplicá-los sob outra perspectiva. Entender os mecanismos de funcionamento do poder leva a reflexões e percebimento de que ele rege a sociedade, as famílias, as instituições, mas é flutuante, não está em ninguém, é conquistado e detido ou não pelas pessoas, muitas vezes regendo suas vidas.

Voltando ao âmbito literário, para aplicar esses conceitos na obra, temos que, de acordo com Massaud Moisés¹⁴, “o desmembramento de um texto põe a descoberto problemas e dúvidas que ele próprio nem sempre consegue resolver, simplesmente porque o texto (qualquer texto) remonta a uma ou mais tábuas de referência, cujo conhecimento se torna imperioso quando se pretende chegar aos sentidos ocultos na malha expressiva”. Portanto, é de grande valia ler um clássico analisando-o sob o prisma filosófico de um grande crítico literário, que mais que isso, desenvolveu considerações verificáveis e aplicáveis sobre a obra em questão.

Em *Microfísica do poder*, Foucault (1979) afirma:

Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder – o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder – mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento.

Mais que isso, encarar esta obra de Graciliano Ramos aplicando os valores de Foucault torna possível percebê-la ainda mais humana e comovente do que já é: o drama dos retirantes, reforçado pela falta de todo e qualquer tipo de humanidade é praticamente determinado pelo poder, devido tanto à sua ausência quanto a seu excesso, o que deixa nítida a miséria e a simples sobrevivência daquelas pessoas. Assim,

¹⁴ Massaud Moisés. *Guia prático de análise literária*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

sob essa análise, a trama fica ainda mais áspera, cheia de nuances de fatalidade. O poder é praticamente a força motriz que rege a vida desses sertanejos: todas as fatalidades que lhes acontecem são consequência do poder de que são vítimas.

Analisar a trajetória e a realidade social dessas pessoas traz à tona a observação de que, realmente, tratam-se de vidas secas. O homem retratado nessa literatura é um homem oprimido e esquecido, um homem rude e primitivo que sobrevive em um meio hostil, e é ainda mais hostilizado e injustiçado por não possuir recursos e muito menos condições de crescer, de prosperar, pois a ele não foram sequer dados meios de se comunicar efetivamente. É perceptível que, se houvesse acesso e domínio comunicativo, a situação de poder na vida desses personagens seria outra. Poderia haver denúncia, protesto, enfim, suas vidas seriam um pouco menos carentes e secas.

Aplicar na literatura os conceitos de poder estudados por Foucault, principalmente relacionados ao poder que a linguagem representa e traz em si, foi também um exercício de metalinguagem:

A literatura é a contestação da filologia (de que é, no entanto, a figura gêmea): ela reconduz a linguagem da gramática ao desnudado poder de falar, e lá encontra o ser selvagem e imperioso das palavras. Da revolta romântica contra um discurso imobilizado na sua cerimônia até a descoberta, por Mallarmé¹⁵, da palavra em seu poder impotente, vê-se bem qual foi, no século XIX, a função da literatura em relação ao modo de ser moderno da linguagem. (FOUCAULT, 2000, p. 415)

No nível de análise linguística, conclui ainda Foucault (2000, p. 421):

É bem possível que todas as questões que atravessam atualmente nossa curiosidade (Que é linguagem? Que é um signo? O que é mudo no mundo, nos nossos gestos, em todo o brasão enigmático de nossas condutas, em nossos sonhos e em nossas doenças — tudo isso fala, e que linguagem sustenta, segundo que gramática? Tudo é significante, ou o que o é, e para quem, segundo que regras? Que relação há entre a linguagem e o ser, e é realmente ao ser que sempre se endereça a linguagem, pelo menos aquela que fala verdadeiramente? Que é, pois, essa linguagem que nada diz, jamais se cala e se chama “literatura”?) — é bem possível que todas essas questões se coloquem hoje na distância jamais superada entre a questão de Nietzsche e a resposta que lhe deu Mallarmé. (FOUCAULT, 2000, 421).

¹⁵ Mallarmé (1842-1898), poeta e crítico literário francês, foi um importante nome do movimento simbolista.

Para estabelecer o poder é preciso haver força, e essa força é praticamente inexistente nos sertanejos de *Vidas secas*. Para se estabelecerem como sujeitos, precisariam de mais que isso, precisariam conjugar o poder ao saber e, infelizmente, na ausência quase total de um, não conseguiriam alcançar o outro.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CULLER, J. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

DANNER, F. A genealogia do poder em Michel Foucault. Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação, 4., 2009, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/Filosofia/71464-FERNANDO_DANNER.pdf>. Acesso em: 26 set. 2016.

FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, 2010, p. 367-383, mar./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v44n2/08.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2016.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Ditos & Escritos: VII Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina*. (Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MARINHO, E. R. As relações de poder segundo Michel Foucault. *E-Revista Facitec*, v. 2 n. 2, dez. 2008. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/135335121/As-Relacoes-de-Poder-segundo-Michel-Foucault>>. Acesso em: 26 set. 2016.

RAMOS, G. *Vidas secas*. 82. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.